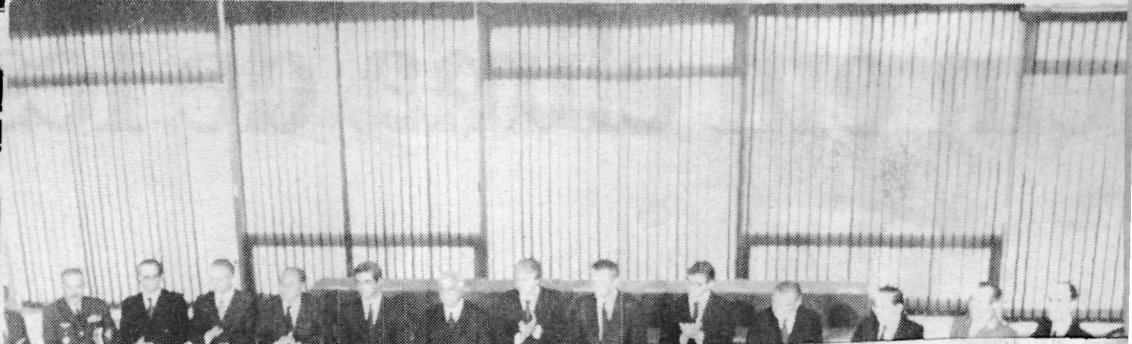


Sarney - discurso



Sarney afirmou que seu objetivo foi o de formar equipe homogênea e capaz de cumprir suas diretrizes

Com nova equipe, Sarney quer defender pobres e oprimidos

O presidente José Sarney deu posse ontem à sua nova equipe de 12 ministros, além do consultor-geral da República, prometendo manter o mesmo empenho para recuperar a economia e defender os pobres e oprimidos. Ele classificou o novo Ministério de "uma continuação da Nova República", evitando uma identificação excessiva com a sua pessoa. "Não é um ministério do Presidente — afirmou. Mas ao Presidente deve lealdade".

A solenidade de posse começou pontualmente às nove horas, com o Salão Nobre do Palácio do Planalto tomado de parlamentares, governadores, empresários e funcionários do segundo escalão do governo. Recorrendo a um texto rascunhado ontem mesmo, em meio à maior crise política de seu governo, Sarney disse que, no cumprimento de seu dever constitucional, as escolhas dos ministros foram suas, "feitas com meditação, prudência e consultas". O objetivo era, acima de nomes, segundo reiterou, "formar uma equipe homogênea, coesa, integrada" e capaz de cumprir as diretrizes de seu governo.

Ele deu um recado direto aos insatisfeitos: "Ninguém cobrará nenhum desvio dos compromissos assumidos pela Aliança Democrática". E conclamou seus novos ministros a dar tudo de si. Como presidente da República, Sarney prometeu ser "conselheiro", mas não abre mão da condição de "chefe", disposto, portanto, a cobrar os resultados das ações do Governo. Sarney exigiu um ministério "firme e decidido".

Aos ministros que deixaram o cargo, suas palavras foram de reconhecimento: "Eles prestaram grandes e relevantes serviços ao governo, num momento difícil e trágico da história brasileira. Jamais esquecerei suas ajudas". Na sua avaliação, coube ao ministério formado pelo falecido presidente Tancredo Neves consolidar o poder civil, através "de corajosas medidas" nas áreas econômica, política e social.

Sarney foi interrompido apenas uma vez, ao reverenciar o presidente da Câmara e do PMDB, Ulysses Guimarães, por quem disse ter uma amizade capaz de resistir a todas as dificuldades. Os aplausos cortaram as palavras do Presidente quando ele afirmou estar ligado a Ulysses pela admiração e uma causa maior, "que nos uniu e que jamais nos afastará".

Isto, porém, não quebrou a formalidade do ato. Ulysses, ao lado do presidente do Senado, José Fragelli, permaneceu sério. Momentos antes ele fora conduzido ao Salão Nobre pelo próprio Sarney, que desceu a rampa do Palácio segurando-o pelo braço. O cuidado era para que Ulysses também não caísse da rampa, como já aconteceu com outros políticos.

Na medida em que eram anunciados, os novos ministros recebiam os cumprimentos do presidente Sarney. Em seguida, todos assinaram o termo de posse, a começar pelo ministro da Justiça, Paulo Brossard. O mais eufórico de todos, o ex-governador de Goiás e agora ministro da Agricultura, Iris Rezende, esqueceu a caneta e recebeu uma emprestada de seu colega José Reinaldo Tavares, ministro dos Transportes. No silêncio da solenidade podia-se ouvir a torcida organizada de peões, pequenos agricultores e tocadores de viola que Iris mandou buscar de Goiás, concentrada na Praça dos Três Poderes aos gritos de "Iris presidente".

A grande ausência da solenidade, refletindo o desgaste da reforma ministerial, foi da bancada do PMDB no Congresso Nacional. Além de Ulysses e José Fragelli, foram vistos no salão apenas o líder Pimenta da Veiga (MG), Márcio Braga (RJ), Heráclito Fortes (PI), Nelson Carneiro (RJ) e Carlos Wilson (PE), este último negociador dos novos cargos que os pernambucanos receberam em troca do Ministério da Previdência Social.

Entre os governadores presentes, no entanto, o PMDB sobressaiu-se: Franco Montoro (SP), José Richa (PR), Jader Barbalho (PA), José Aparecido (DF), Angelo Angelim (RO), Gilberto Mestrinho (AM), Onofre Quinam (GO) e Gerson Camata (ES). Do PFL compareceram Roberto Magalhães (PE), Luís Rocha (MA), João Alves (SE) e Divaldo Suruagy. E, pelo PDS, Espiridiano Amin (SC).

Roberto Magalhães foi o único a não assistir à solenidade de perto. A quantidade de gente na entrada principal do Palácio era tanta que não adiantaram os seus pedidos de licença: acabou de pé no lado de fora, ouvindo o discurso do Presidente pelo alto-falante.

A ausência como protesto

A ausência de representantes da esquerda independente do PMDB e de parlamentares dos partidos de esquerda na posse foi notada por alguns políticos, enquanto o ministro Aluísio Alves, da Administração, procurava minimizar o fato, assegurando que o deputado Alencar Furtado esteve presente.

O secretário-geral do PMDB, deputado Roberto Cardoso Alves, da ala moderada, não pareceu impressionado com a ausência desses peemedebistas e admitiu estar "contentíssimo" com o novo ministério. "Ele é a cara do PMDB e do presidente José Sarney. O partido é isso e as esquerdas devem lutar para implementar as suas reivindicações", frisou.

O líder do partido na Câmara, Pimenta da Veiga, chegou

atrasado à solenidade e ficou em local discreto, deixando o Planalto logo depois do pronunciamento do presidente Sarney. Ele nada respondeu quando os repórteres notaram o seu atraso na cerimônia e saiu sem fazer comentários.

Ao ser indagado sobre o papel dos ministros "progressistas" no ministério José Sarney, o ministro Almir Pazzianotto interpretou a pergunta como um elogio pessoal e tergiversou: "O ministério é progressista em seu conjunto." Almir Pazzianotto comentou ainda que será difícil a recuperação do valor aquisitivo dos salários em pouco tempo e ficou satisfeito quando o presidente da Fiesp, Luís Eulálio Vidigal, conclamou os empresários ao diálogo e a serem razoáveis no momento em que o País atravessa dificuldades.

O ministro das Relações Ex-

teriores, Abreu Sodré, chegou cedo ao Palácio do Planalto e antes da posse conversou demoradamente com o ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves. De longe, o novo ministro parecia esta mais ouvindo do que dialogando, pois foi o general que falou grande parte do tempo.

Primeiro a tomar posse, o ministro Paulo Brossard, da Justiça, cumprimentou rapidamente o presidente Sarney e retornou ao seu lugar no salão nobre do Planalto. O presidente da República sorriu para poucos empossados. Um dos que receberam atenção especial do Presidente foi Marco Maciel, novo chefe do Gabinete Civil. O ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, não aplaudiu quando o seu conterrâneo e adversário político, Roberto Santos, foi empossado.

Ulysses evita falar sobre rompimento

O presidente do PMDB e da Câmara, Ulysses Guimarães, tentou, de todas as formas, não falar das dificuldades de relacionamento da Aliança Democrática, preferindo dar ênfase aos compromissos reformistas de seu partido e do governo José Sarney.

O político paulista, grave e sério, ingressou no Salão Nobre do Palácio do Planalto, para a solenidade de posse do novo ministério, ladeado, com o presidente do Senado, José Fragelli, o presidente da República, José Sarney. Foi aplaudido pelos presentes quando o chefe do Governo o elogiou em seu discurso e tentou sair rapidamente do prédio, após a solenidade. Não conseguiu, atalhado por governadores de seu partido, ex-ministros e jornalistas que o procuravam. Ao deixar o Palácio do Planalto, em companhia do ministro da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, foi abordado, mais uma vez, por um repórter, que queria saber de seu estado de espírito. Rindo sem muito entusiasmo, respondeu: "Estou bem". A mesma pergunta foi feita a Archer, que respondeu: "Se ele disse que está bem, é porque está bem".

"O PMDB continua no Governo e, portanto, na equipe do Presidente, e vai colaborar com ele. Nós desejamos que o novo ministério cumpra os compromissos de mudança por que lutamos há tantos anos", disse.

Interpelado sobre o possível rompimento da Aliança Democrática, assim respondeu:

"Nós temos o convívio atual e a responsabilidade passada da eleição de Tancredo Neves e José

Sarney. A nossa missão é de colaborar, patrioticamente, em toda a obra que signifique efetivação das transformações de que o País necessita".

Ulysses se esquivou, assim, da interpelação sobre o caráter conservador do ministério. "O que tenho a dizer, e o Presidente o fez em seu discurso, é que ele desempenhou a função constitucional de escolher seu ministério. Nossa expectativa e nosso desejo são, no sentido de que os compromissos de mudança sejam cumpridos.

O Senhor vai tentar unificar o PMDB? Indagou outro jornalista.

— E o que vamos ver no desenvolvimento dos fatos. Vamos conversar com nossos companheiros e estou certo de que o PMDB encontrará, como sempre acontece, o caminho da união, do entendimento e da harmonia".

— O senhor acredita na força político-parlamentar do Governo com esse ministério? Disse outro repórter.

Ulysses respondeu: "O Governo, como disse o Presidente, está empenhado em cumprir os compromissos que resultaram na sua eleição e estou certo de que esses compromissos de mudança deverão ser prestigiados. Temos a expectativa de que essas mudanças serão efetivadas". Ele admitiu que "é claro que os compromissos ainda não puderam ser resgatados em sua totalidade. Temos problemas na área econômico-financeira a serem resolvidos. Estou certo de que há o propósito do Presidente de resolver esses problemas".

Presidente vê PMDB fortalecido

Fatigado, o presidente Sarney deixou a solenidade de posse dos novos ministros declarando que o PMDB é o grande fortalecido do processo de reforma, e que em nenhum momento pensou em ferir a autoridade do deputado Ulysses Guimarães. "Seria a última coisa que eu faria em minha vida", ele disse aos jornalistas.

Para Sarney, ao contrário do que pensa a corrente progressista do partido, "o PMDB não sai arranhado", além de que, "este é o partido do Governo. E o nosso partido, responsável pela sustentação do Governo", Sarney procurou, em rápida conversa com jornalistas, evitar a palavra "crise", decorrente da reforma ministerial.

Momentos depois, atendendo à convocação de Sarney para comparecer ao gabinete presidencial, Ulysses Guimarães atravessou o mesmo corredor sem, no entanto, responder às perguntas dos jornalistas.

Caixa

O presidente da Caixa Econômica Federal, Marcos Freire, não esperou ser comunicado ontem sobre o destino de seu cargo: durante a solenidade de posse dos novos ministros, à qual esteve presente, comunicou ao ministro da Fazenda, Dilson Funaro que estava, naquele momento, colocando o seu cargo à disposição.

Funaro e Freire, em seguida, deslocavam-se para o gabinete do presidente José Sarney.

Um apelo à criatividade

A íntegra do discurso do presidente José Sarney ao dar posse, no Palácio do Planalto, ao novo ministério:

"Pela segunda vez, neste mesmo local, dou posse a um ministério. Sabe Deus a lembrança que guardo daquela manhã sombria do dia 15 de março de 1985, início da agonia do nosso eterno Tancredo Neves.

Uma palavra de gratidão e reconhecimento aos ministros que nos deixam: eles prestaram grandes e relevantes serviços ao Governo, num momento difícil e trágico da história brasileira. Jamais esquecerei suas ajudas.

Corresponde ao ministério que finda um período de dificuldades, de consolidação do poder civil, de corajosas decisões econômicas, políticas e sociais. Realizamos juntos o projeto de fazer florescer as instituições e fazer voltar a liberdade. Iniciamos a construção de um estado de direito, de direito social. A todos, o meu agradecimento, os meus votos de felicidade pessoal, e a manifes-

tação do quanto foram enriquecedores do convívio e a ventura de um trabalho comum e grandioso em favor do Brasil.

O nosso ministério é a continuação da Nova República. Não é um ministério do Presidente. Mas ao Presidente deve lealdade. No cumprimento do dever constitucional que me impõem as responsabilidades do cargo essas escolhas são minhas, feitas com meditação, prudência e consultas. Busquei acima dos nomes a formação de uma equipe homogênea, coesa, integrada, capaz de realizar um programa administrativo eficaz e dinâmico. Não tenho outro objetivo senão o de servir ao meu País, e servir ao seu povo. E a minha consciência confirma que o tenho feito com simplicidade, austeridade e indeclinável dever moral. E dessa conduta nada me afasta.

Ninguém cobrará nenhum desvio dos compromissos assumidos pela Aliança Democrática.

Churchill, no seu famoso discurso de "Sangue, Suor e Lágrima", usou

antes destas a palavra trabalho.

Trabalho é a chave de nossa unidade e o estuário de nossas metas. Vamos continuar os programas sociais, obras necessárias ao processo. Vamos continuar a conservar a economia. A manter o desenvolvimento. A dizer não à recessão, ao desemprego, à descentralização e desnacionalização de nossa indústria. A combater o desperdício, a corrupção. A ir ao sacrifício pelos pobres e pelos oprimidos, para reconstruir o Brasil.

Cumpro o dever de agradecer ao deputado Ulysses Guimarães o patriotismo com que me assistiu nessas horas. Por ele tenho, além da reverência cívica pelo que representa na história contemporânea brasileira, a estima pessoal, a amizade alicerçada na admiração, a irmandade da tarefa, que nos é comum, de resistir a todas as dificuldades na construção da causa maior que nos uniu, e que jamais nos afastará.

Uma palavra ao ministério:

O Presidente afirma ter consciência das dificuldades. Mas tem a con-

vicção de que vamos continuar na luta para fazer um grande governo.

A equipe que agora se empossa está convocada a prosseguir na tarefa que nasceu desde a primeira hora, de entrar na história do Brasil não faltando ao País, não esmorecendo, não tergiversando, não dormindo. Dando tudo de si, ansando o barro do trabalho insano, tendo criatividade, transformando as deficiências em eficiências; as carências em motivações. Enfrentando desafios, vencendo desalentos e marcando sua presença pela força do seu talento em construir, pela vontade de vencer e de acertar.

O Presidente será o conselheiro, o companheiro, o amigo, mas não abdica de ser o chefe, porque dele serão cobrados os resultados e as responsabilidades constitucionais.

Por isso ele terá que ser firme e decidido na exigência das diretrizes fixadas.

Sucesso a todos e minha gratidão pela honra de trabalharmos juntos. Muito obrigado".